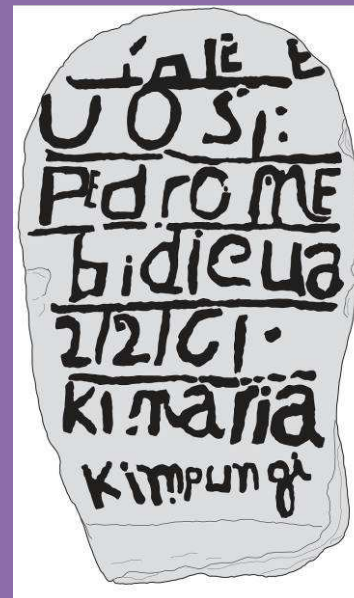


**NOTÍCIA DE UMA PROVÁVEL  
ESTELA FUNERÁRIA AFRICANA  
ENCONTRADA EM PORTUGAL CONTINENTAL**

**News of a probable african funerary stele  
found in Portugal**

Francisco Henriques, Cátia Mendes, João Caninas  
e Carlos Neto de Carvalho



Vila Velha de Ródão, 2013

## NOTÍCIA DE UMA PROVÁVEL ESTELA FUNERÁRIA AFRICANA ENCONTRADA EM PORTUGAL CONTINENTAL

### News of a probable african funerary stele found in Portugal

Francisco Henriques<sup>1</sup>, Cátia Mendes<sup>2</sup>, João Carlos Caninas<sup>3</sup>  
e Carlos Neto de Carvalho<sup>4</sup>

**Palavras-chave:** estela funerária; Angola; séc. XX

**Key-words:** funerary stele; Angola; twentieth century

<sup>1</sup> Arqueólogo. Associação de Estudos do Alto Tejo (AEAT), [www.altotejo.org](http://www.altotejo.org)  
[altotejo@gmail.com](mailto:altotejo@gmail.com)

<sup>2</sup> Mestranda em Arqueologia (Faculdade de Letras da Universidade do Porto). Estagiária na AEAT.

<sup>3</sup> Arqueólogo. Membro da AEAT.

<sup>4</sup> Geólogo. Membro da AEAT. Técnico do Geopark Naturtejo.

### Resumo

Divulga-se um pequeno monólito afeiçãoado, em arenito, que se encontra em Castelo Branco desde, pelo menos, os anos 70 do séc. XX.

Atendendo às suas características morfológicas e ao texto que contém, admite-se que tenha sido uma estela funerária destinada a ser colocada à cabeceira de uma sepultura individual.

O texto sugere que seja de origem africana, provavelmente do Norte de Angola ou do Baixo Congo.

Até ao momento não foi possível identificar o seu colector nem a sua proveniência exacta. Também se desconhece o modo como chegou a Portugal continental.

### Abstract

A small worked monolith, made of sandstone, is in Castelo Branco at least since the seventies of the twentieth century as is now described.

Given its morphological characteristics and the text it contains is believed to have been a funerary stele intended to be placed at the head of an individual grave.

The text suggests an African origin, probably from northern Angola or the Lower Congo.

So far it has not been possible to identify its collector nor its exact provenance. Neither is known how it came to mainland Portugal.

## Introdução

O presente documento tem por objectivo angariar pistas para o estudo de uma estela (Figura 1) de provável origem africana, mas de país e grupo étnico desconhecido. O seu exotismo motivou os signatários a aprofundarem o conhecimento acerca da origem geográfica, da função, da cronologia e do significado do texto epigrafado na referida peça, bem como do seu percurso até Portugal continental.

O primeiro contacto com esta peça teve lugar em 1972, na antiga Casa de Cultura de Castelo Branco, sita numa vivenda, na Avenida Nuno Alvares, nº 16 -18. O pequeno monólito por lá continuou, nos arrumos da Secção de Arqueologia da Casa de Cultura, passando, posteriormente, para novas instalações.

Em 2009 foi decidido estudá-la – concretizando um desejo com vários anos - e iniciou-se a pesquisa acerca do modo como teria chegado à Casa de Cultura de Castelo Branco.

Em 2008 contactou-se a Dr<sup>a</sup> Maria de Lurdes Almeida, que fora monitora da Actividade de Arqueologia da Casa de Cultura em 1972. Informou-nos conhecer a peça mas nada saber acerca dela, nem porque motivo se encontrava depositada nas referidas instalações.

Em Janeiro de 2009 foi feita idêntica abordagem ao Dr. João Henriques Ribeiro, que também fora monitor de Arqueologia da mesma Casa de Cultura. O resultado foi idêntico na manifestação de absoluto desconhecimento acerca da origem da estela.

Ainda em Janeiro de 2009 contactou-se o Dr. Pedro Salvado, uma vez que também esteve ligado à Casa de Cultura. Informou, com elevado grau de incerteza, que a peça teria sido trazida da Índia para outro território colonial português e daí para a metrópole. Teria chegado à Casa de Cultura através de um jovem cujos pais regressaram a Portugal antes de 25 de Abril de 1974.

A Casa de Cultura findou a sua actividade e o seu espólio arqueológico (caso por exemplo do acervo resultante de escavação efectuada na Quinta da Granja) foi transferido para o Museu Francisco Tavares de Proença Júnior (Castelo Branco). Contudo, esta peça não foi aceite pela direcção do Museu e passou para as novas instalações do Instituto Português da Juventude.

Em 2009 também se pediu colaboração ao Dr. Garrido, dada a sua antiga ligação à Casa de Cultura. A resposta foi igualmente negativa, nada sabendo acerca da estela. Na mesma ocasião, em Idanha-a-Nova, questionou-se o Dr. Mário Piçarra, primeiro delegado do Fundo de Apoio aos Organismos Juvenis em Castelo Branco. Informou que, quando compraram, ou alugaram, a referida vivenda, a estela já lá se encontrava. A compra, ou aluguer, do edifício foi feita ao Dr. Salavissa, professor no Liceu Nuno Álvares em Castelo Branco, que a tinha comprado a uma outra pessoa não havia muitos anos.

Procurou-se a Dr<sup>a</sup> Teresa Salavissa, viúva do professor Salavissa, que informou que a casa tinha sido construída em 1932 pelos senhores Alexandre Lourenço Leitão e Eugénia Augusta Quintela Leitão. O edifício foi posteriormente vendido, a 11 de Setembro de 1940, a Maria da Graça Gomes Rebelo, nascida em 1908. Esta senhora era filha de Manuel Gomes Rebelo (conhecido por Coronel Rebelo) e de Maria da Graça da Conceição Gomes Rebelo. Segundo a Dr<sup>a</sup> Teresa Salavissa terá sido a viúva do Coronel Rebelo a última pessoa singular a ocupar aquela casa.

Perante as informações obtidas, quanto ao presumível percurso da estela até à Casa da Cultura de Castelo Branco, desenvolveremos duas hipóteses de pesquisa. A primeira hipótese era ter sido trazida pelo Coronel Azevedo, antigo proprietário do edifício no qual instalaram a Casa de Cultura. A segunda hipótese foi seguir a informação do Dr. Pedro Salvado, quanto à chegada da peça à Casa de Cultura em data mais recente.

A epígrafe (Figura 2), presente na estela, tem três tipos de informações essenciais para o seu estudo: antropónimo, data e topónimos.



Figura 1. Fotografia da face epigrafada da estela.



Figura 2. Desenho da epígrafe na face anterior da estela (autor: André Pereira).

### Caracterização da estela

A estela tem como suporte um bloco de arenito, alongado, de grão fino, com faces de configuração pseudoelíptica, 42,5 cm de altura, 8 cm de espessura e pesa 14 kg. Tem uma inscrição, em relevo, numa das faces.

Em termos descritivos, abordaremos separadamente três faces principais, a base, a face posterior e a face anterior.

Observada de lado, em perfil vertical, exhibe forma de S muito suave, com ambas as faces, anterior e posterior, praticamente paralelas. A base é irregular, devido a fractura, e o topo apresenta um estreitamento da face posterior para a face anterior, a epigrafada.

A base tem forma elíptica (24,5 cm de eixo maior e 7,5 cm de eixo menor), irregular, de arestas vivas e com aspecto de ter sido energeticamente removida da sua posição vertical, através de fractura. O corte deu-se a curta distância do campo epigráfico, entre 2 cm e 5 cm. O perímetro da base é de 44 cm. A cor varia entre o azul-escuro e o negro.

A face posterior não se encontra aplanada e apresenta uma suave concavidade no quadrante superior esquerdo, tendo, deste modo, maior espessura no lado direito. Exibe polimento, marcas de impacto e picotagem; esta última encontra-se distribuída por toda a superfície superior da peça ou formando manchas com maior densidade. O picotado, não contínuo, grosso e de configuração irregular, varia entre o pouco profundo e o profundo. Contém também incisões lineares com profundidade, largura e direcções diversas. Ao

longo da estreita face lateral, principalmente no lado direito, observam-se incisões provocadas, hipoteticamente, por arado ou cinzel, não tendo havido polimento posterior. A cor varia entre o azul-claro e o castanho-claro.

A face anterior é plana e de arestas arredondadas. Está envernizada e essa aplicação é posterior a 1975. O verniz escorreu para a parte posterior da peça em alguns pontos. As letras, os números, os filetes e os restantes motivos que compõem o campo epigráfico estão representados em relevo.

Os cinco filetes, horizontais, usados na paginação, separam as cinco primeiras linhas de texto. Estes filetes prolongam-se até quase ao bordo da face epigrafada. O primeiro filete está parcialmente destruído; observa-se em  $\frac{3}{4}$  do seu comprimento. A base da estela apresenta uma moldura cuja largura varia entre 1,5 cm e 2,5 cm.

A face anterior tem 19 cm de largura na base e um pouco mais acima atinge 22 cm de largura. Tem 25 cm de largura máxima, na terceira linha de texto.

O espaçamento entre os filetes é de cerca de 5 cm. Indica-se a altura média do espaço epigráfico entre filetes: 1ª linha, 5 cm; 2ª linha, 5 cm; 3ª linha, 4,5 cm; 4ª linha, 5 cm; 5ª linha, 4,7 cm; 6ª e 7ª linhas, 10,5 cm.

### Descrição e leitura da epígrafe

Na descrição seguinte, indicam-se, entre parêntesis, a seguir a cada uma das letras ou símbolos, a sua largura e sua a altura, em centímetros.

1ª linha. Texto com quatro caracteres, de difícil leitura. O primeiro pode ser um A (não se repete no texto). Segue-se um possível I, um eventual E, um espaço pouco perceptível onde parece ter havido um O ou C e, finalmente, um E. Medidas da letra E: largura, 2 cm; altura, 3 cm.

2ª Linha. Linha com quatro letras e dois pontos. Parece ler-se JOSI. Os dois pontos podem corresponder a apêndices da letra E. De acordo com essa hipótese poderia ler-se JOSE em vez de JOSI.

Medidas das letras (largura e altura): **J** (4 cm; 4 cm); **O** (4 cm; 4,7 cm); **S** (2,7 cm; 3,7 cm); **I** (0,5 cm; 3 cm).

3ª Linha. Esta linha de texto é constituída por sete caracteres, consistindo em letras maiúsculas e minúsculas: PEd rO me.

A letra E de Pedro ocupa um pequeno espaço entre o P e o D; parece ser a correção de um lapso do artesão. O E final surge sobre o arqueamento da última perna do M.

Medidas das letras (largura e altura): **P** (3,5 cm; 4,7 cm); **E** (2,5 cm; 1 cm); **D** (3 cm; 4 cm); **R** (1,8 cm; 3,4 cm); **O** (2,8 cm; 3,7 cm); **m** (5,4 cm; 4 cm); **E** (1,5 cm; 3,3 cm).

4ª Linha. É constituída por seis letras minúsculas e uma maiúscula: bidicJa.

Medidas das letras (largura e altura): **b** (2,5 cm; 4,8 cm); **i** (2,8 cm; 0,5 cm); **d** (3 cm; 4,6 cm); **i** (0,5 cm; 4,5 cm); **c** (3 cm; 3,7 cm); **U** (3,5 cm; 3,7 cm); **a** (2,4 cm; 4 cm).

5ª Linha. É formada por quatro números, duas barras e um ponto: 2/2/61.

A sua leitura não oferece dúvidas. As barras encontram-se ligeiramente inclinadas.

Medida dos algarismos e barras (largura e altura): **2** (2,5 cm; 3,7 cm); **/** (0,5 cm; 4 cm); **2** (3 cm; 3,7 cm); **/** (0,5 cm; 4,4 cm); **6** (3,2 cm; 4,2 cm); **1** (0,8 cm; 4 cm); **:** (1 cm; 0,5 cm).

6ª Linha. O texto corresponde a uma palavra com sete letras: Kimaria.

Medida das letras (largura e altura): **K** (2 cm; 3,5 cm); **i** (0,5 cm; 3,2 cm); **m** (3,8 cm; 3,3 cm); **a** (2,5 cm; 3,6 cm); **r** (1,6 cm; 4,4 cm); **i** (0,6 cm; 4 cm); **a** (3,7 cm; 5 cm).

7ª Linha. A última linha é constituída por oito letras formando uma palavra: KimpUngi.

Os caracteres desta última palavra são de menor tamanho que todos os restantes, em virtude da limitação imposta pelo espaço de gravação restante.

O escriba a partir da segunda letra reduziu a altura e a largura das letras.

O **i** final, a letra de menor dimensão mede 1 cm, enquanto a letra **a** da linha antecedente mede 5 cm.

Medida das letras (largura e altura): **K** (2 cm; 3,5 cm); **i** (0,5 cm; 3 cm); **m** (3,4 cm; 3 cm); **p** (1 cm; 2 cm); **U** (1,7 cm; 2 cm); **n** (1,6 cm; 2 cm); **g** (1,8 cm; 3,8 cm); **i** (1 cm; 1 cm).

Leitura proposta:

A I E O (ou C) E

JOSI

PEdrOmE

bidicUa

2/2/61

Kim (ou n) aria

KimpUngi

## Litologia da estela e comparação com a geologia de Angola

O bloco utilizado na manufactura da estela foi claramente afeiçoado, mas parece ter aproveitado uma forma originalmente tabular. Esta ocorrência, associada ao facto de apresentar uma laminação cruzada em secção transversa mostra claramente que se trata de uma rocha de origem sedimentar, estratificada, mais concretamente um arenito de grão fino com abundante matriz silto-argilosa. É um arenito quártzico uma vez que se

recolheu um pouco de sedimento da superfície que foi analisado à lupa binocular.

Concluiu-se que pouco mais se encontrou do que grãos ou agregados de quartzo e rara mica branca. No entanto, a rocha mostra uma compactação muito elevada. Testada com ácido clorídrico não houve efervescência a frio o que indicou a ausência de calcite. Parece que a rocha sofreu um processo diagenético muito forte, ou, mais provavelmente, metamorfismo de baixo grau com recristalização mas sem perda do *fabric* sedimentar, tendo sido transformada num metapsamito.

Perante as constatações anteriores solicitou-se ao geólogo Nuno Dias, que se encontrava em Angola, informação que permitisse determinar a localização geográfica deste tipo de rocha, apesar das dificuldades inerentes à falta de cartografia geológica num país tão vasto.

De Nuno Dias obtivemos a seguinte resposta, através de correio electrónico: “pelo tipo litológico que descreveste, provavelmente será um arenito com alguma acção metamórfica pertencente ao Cretácico inferior que bordeja os complexos metamórficos e ígneos, e que circunda os limites da província de Luanda”.

## Origem e cronologia da estela

Da pesquisa efectuada no Arquivo Histórico Ultramarino (Lisboa), na busca de paralelos para esta peça, encontraram-se, apenas, referências bibliográficas

às estelas funerárias dos Mbali (Cardoso, 1991), do sudoeste de Angola, também citadas por vários informantes. Contudo, estas peças não são equiparáveis à peça em estudo. As estelas dos Mbali representam uma aculturação ocorrida a partir de modelos europeus, depois de 1849. Estas estelas, em grés, são quase sempre encimadas por uma cruz e exibem representações antropomórficas, vegetalistas, geométricas ou motivos alusivos a ofícios e o epitáfio termina quase sempre por “aqui jaz”.

Na magistral síntese sobre a Arqueologia de Angola, da autoria de Carlos Ervedosa (1980), também não encontramos qualquer pista para enquadrar culturalmente a referida estela, embora o autor aborde a problemática funerária, com expressão monumental sobretudo no centro-ocidental de Angola em Quibaxe e Quibala (Quanza Sul).

Segue-se uma breve discussão acerca das duas hipóteses levantadas na Introdução. Para a exploração da primeira hipótese, de ter sido o Coronel Manuel Gomes Rebelo o portador da estela para a metrópole, apresenta-se um breve percurso da sua vida enquanto militar em Angola.

Manuel Gomes Rebelo nasceu em 17 de Abril de 1872, em Penamacor (distrito de Castelo Branco). Era filho de Bernardo Gomes e Lúcia Augusto Rebelo. Casou com Maria da Graça Conceição Rodrigues em 27 de Dezembro de 1906. Teve uma única filha, Maria da Graça Gomes Rebelo, a 18 de Junho de 1908.

Foi alistado como voluntário no Regimento de Infantaria nº 24 e incorporado em 9 de Janeiro de 1887.



Embarcou a 12 de Setembro de 1900 para a província de Moçambique e desembarcou a 13 de Outubro do mesmo ano em Lourenço Marques. Em 29 de Outubro de 1900 embarcou de regresso ao reino, chegando a 29 de Novembro do mesmo ano. Em 29 de Junho de 1902 embarcou para a província de Angola, cremos que a bordo do navio *África*. Desembarcou em Luanda em 17 de Julho do mesmo ano. Desde 20 de Julho até 26 de Outubro fez parte da Coluna de Operações do Norte de Benguela, momento em que a coluna foi dissolvida. Segundo Moncada (1903:154) teria sido a Coluna do Sul, de Caconda, que foi dissolvida a 26 de Outubro, porque a do Norte tinha sido já dissolvida a 7 de Outubro.

Participou nos combates da passagem do rio Congo, a 6 de Setembro, e da Embala Grande da Gollouga, a 15 de Setembro de 1902. Foi nomeado “Secretário do Conselho de Guerra Extraordinário em Benguela” em 25 de Abril de 1903 e foi exonerado a 2 de Maio do mesmo ano.

Acerca deste oficial Cabral Moncada (1903:216) regista o seguinte: “Serviços Administrativos – Tenente do corpo de oficiais da administração militar, Manuel Gomes Rebello – Este oficial é trabalhador e honesto. Foi incansável no desempenho do seu espinhoso cargo. Não sendo combatente chegou por sua iniciativa a entrar em fogo durante o ataque que o comboio sofreu na passagem de Monambambi.”

Embarcou de regresso ao reino por ter concluído a comissão, em 13 de Setembro de 1904. Chegou a Lisboa a 10 de Outubro de 1904.

Faleceu a 26 de Março de 1956.

Entretanto, nada no percurso angolano do Coronel Gomes Rebelo parece ligá-lo à estela. Excepto o facto de ter estado em Angola na campanha do Bailundo, em 1902, e a existência de um município, na província de Huíla, com a designação de Quipungo ou Kipungo, na estrada entre Lubango e Menongue. Mas estes topónimos oferecem grafias diferentes do sítio de Kimpungi mencionado na estela. Para Kimaria não se encontraram paralelos no sul de Angola.

Na biografia do Coronel Gomes Rebelo é referido que também participou no combate da travessia do rio Congo. Cremos que a designação actual é Cuango e no passado Cango, um afluente da margem esquerda do rio Zaire que faz fronteira entre Angola (área nordeste) e o Congo, acabando por se internar no interior do território angolano na direcção de Cacolo.

Ligar a estela a este militar seria remeter a sua cronologia para o século XIX.

A segunda hipótese é a estela ter sido trazida por alguém, oriundo de Angola, que tivesse chegado a Portugal antes de 1972.

Cremos que um dos argumentos favoráveis a esta hipótese, implicando uma idade mais recente para a estela (séc. XX), é o facto da gravação da data ser feita em moldes muito contemporâneos (dia, barra, mês, barra, ano com apenas dois dígitos - 2/2/61).

Cremos que a podemos associar ao norte de Angola ou ao Baixo Congo através do termos Kimaria e Kipungi.

O lugar de Kimaria fica localizado na província de Bengo, município de Dande (Caxito). Bengo, até 1975, fazia parte da província de Luanda. Fica junto a uma das estradas que liga Angola ao Congo, aproximadamente a meia distância entre Luanda e a fronteira Norte.

Kimpungi é um pequeno lugar do Baixo Congo na República Democrática do Congo. Fica localizado 42 km a sul da capital, Kinshasa, e junto a uma importante via de comunicação. No Baixo Congo também encontramos o termo Kimpungi como antropónimo, de pessoas de ambos os sexos.

Em relação à fronteira de Angola com o Congo, Kimaria e Kimpungi ficam aproximadamente equidistantes.

A matéria-prima da estela também concorre para a hipótese da sua origem em território situado a norte de Luanda, tal como as duas localidades mencionadas, tendo em conta a geologia de Angola.

Também não é de excluir a hipótese da peça se encontrar ligada aos movimentos independentistas de Angola, protagonizados pelo grupo étnico dos Bakongo. Em 2 de Fevereiro de 1961, data que consta na estela, esta mesma região encontrava-se num perfeito turbilhão. Lembramos que dois dias depois ocorreu o 4 de Fevereiro, em Luanda.

De acordo com a segunda hipótese a estela poderá datar dos anos 60 do século XX.

Não se encontraram paralelos para o termo Mebidicua, ou simplesmente Bidicua, nas várias tentativas e meios utilizados.

Com base na descrição anterior e tendo como guia outros modelos de epígrafes funerárias, diríamos, como mera hipótese interpretativa, que Josi Pedro Mebidicua teria falecido a 2 de Fevereiro de 1961, em Kimaria, sendo originário de Kimpungi, ou o inverso, originário de Kimaria e falecido em Kimpungi.

A terminar, pedimos, aos leitores, contributos que ajudem a compreender esta peça e a saber quem foi Josi Pedro mebidicua?

## Bibliografia

Cardoso, Carlos Lopes (1991) Estelas funerárias dos Mbali (um caso de aculturação). Publicações do Centro de Estudos Africanos, 14. Instituto de Antropologia. Universidade de Coimbra. Coimbra: 388 p. Código: 6663 AHUL (Arquivo Histórico Ultramarino).

Dinis, Miranda (s/d) [Carta da] Campanha do Bailundo [Material cartográfico]: Esboço do Theatro d' Operações, Escala 1:1000000. Lith. A Editora.

Ervedosa, Carlos (1980) Arqueologia Angolana. Lisboa, Edições 70.

[http://i.nona.net/locmap\\_KIMPUNGI\\_15.182X-5.5866667X15.518X-5.3466667.png](http://i.nona.net/locmap_KIMPUNGI_15.182X-5.5866667X15.518X-5.3466667.png)

<http://www.eltangola.com/turismo/index.aspx?menuid=102&lang=P>

<http://www.eltangola.com/turismo/index.aspx?menuid=239&lang=P>

<http://www.eltangola.com/turismo/index.aspx?menuid=252&lang=P>

<http://www.mochileiros.com/angola-guia-de-informacoes-t41890.html>

<https://70.84.171.10/~etools/newsbrief/1998/news0502>

<https://archive.org/stream/acampanhadobail01moncgoog>

<https://pt.wikipedia.org>

Ministério de Defesa Nacional – Exército Português – Direcção de História e Cultura Militar – Arquivo Histórico Militar (1957), Nota dos Assentos que tem no Registo de Matrícula o Oficial Abaixo Mencionado (Manuel Gomes Rebelo), cota AHM/DIV/377/3261.

Moncada, Cabral (1903) A Campanha do Bailundo em 1902. Imprensa Nacional, Loanda.

## Agradecimentos

Por terem atendido as nossas perguntas e pelas indicações que nos prestaram manifestamos agradecimentos a: Ana Botas (Museu Nacional de Etnologia, Lisboa); Ana Cristina Martins (Departamento de Arqueologia do Instituto de Investigação de Ciências Tropicais, Lisboa); Arquivo Histórico Ultramarino (Lisboa); Hugo Pires (Superfície Geomática); Instituto Português da Juventude

(Castelo Branco); João Henriques Ribeiro (arqueólogo); José d'Encarnação (epigrafista, professor catedrático aposentado); Luciana de Jesus (arqueóloga); Maria de Lurdes Almeida (licenciada em História); Mário Piçarra; Nuno Dias (geólogo); Pedro Salvado (Sociedade dos Amigos do Museu Francisco Tavares de Proença Jr); Sónia da Silva Domingos (Instituto Nacional do Património Cultural, Luanda); Teresa Salavissa; Vítor Rodrigues (Centro de História do Instituto de Investigação de Ciências Tropicais, Lisboa). E ainda a André Pereira pela execução do desenho da estela.

Um agradecimento final ao Instituto Português do Desporto e da Juventude pela cedência da estela para estudo.